

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envolvi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

4 de Setembro de 2004 • Ano LXI • N.º 1578
Preço: € 0,30 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 - Fax 255753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239



Um grupo de Benguela.

BENGUELA

À luz da fé

HOJE é Domingo. Algumas visitas estão marcadas. Contudo, em primeiro lugar, está a visita ao lar de cada um de vós. É um compromisso assumido, de quinze em quinze dias.

Como de costume, à saída da Eucaristia, aparecem pessoas a precisar da nossa ajuda. É o sr. Tomé Kasova, mais a mulher, com o problema do filho doente, no Huambo, a cerca de 460 quilómetros de Benguela. Não sabem como fazer, porque não têm nada mais do que o amor forte de pai e mãe que querem ver o filho, antes de morrer. Pus as mãos na cabeça e deixei-me vencer pela súplica confiante. Receberam o dinheiro para a viagem e lá se foram mais animados. É a menina, de 18 anos, com mais sete irmãos, deixados pelo pai que abandonou o lar. Quer assumir a responsabilidade pelos irmãos, mas não tem emprego nem trabalha. E eu que me vejo tão aflito para conseguir emprego para os meus, que não vão muito além dos 18 anos! É a Joana mais o Tito. Não me largam, enquanto não subir o morro, onde construíram suas casinhas de adobes, à espera das chapas para a cobertura, porque o telhado de capim está podre e começa a cair. Já vi. As chapas vão chegar. É o Francisco a pedir-me que vá com ele ao bairro mais afastado para ver a casa onde mora, donde retirou as crianças com medo de que venham a ficar debaixo das paredes.

O Calvário do Altar, onde celebrei a Eucaristia, continua presente, cá fora, nos lugares aonde tenho de ir, ao encontro do mesmo Senhor, realmente presente e vivo, nas pessoas que sofrem. É a Fé que me levanta e me faz caminhar. É a Fé que dá sentido à minha vida. A resposta ao Amor que Deus tem aos homens deve ser o amor dos homens entre si. Deus quer um amor encarnado e concreto. Crer em Deus e em Cristo; amar os irmãos.

As consequências são importantes. A luz do crente só tem sentido à luz da caridade. Deste modo, justifica-se uma vida toda entregue aos demais, aos que sofrem, aos necessitados, aos pobres, aos que anseiam por amor e não encontram.

Pode haver quem, à luz dum falso humanismo, veja nesta reflexão uma redução do valor da pessoa enquanto pessoa humana. O homem, dizem, tem valores como homem e merece ser amado enquanto homem. O Evangelho vai mais longe, na linha da dignidade humana, sem negar o valor que o homem tem. À luz da Fé, o homem tem o seu

Continua na página 4

Ecoss de Malanje

DE Malanje... porque é ainda daqui que parte a mensagem. Mas, das quatro figuras que os ilustram, só uma é de Malanje. E estas quatro porque uma maior convivência me permitiu ver nelas uma postura de coragem e de compromisso com este Povo que foi comum a muitas outras mulheres a quem as guerras não meteram medo nem as dificuldades e dureza da vida assustaram.

Quando do grande êxodo de 1975 e após, as Religiosas foram das mais perseverantes em permanecer. Lembro-me de, em 1977/78 com as estradas muito controladas e obrigados a paragens frequentes, o melhor salvo-conduto era uma freira, se tínhamos a sorte de levar alguma por companheira de viagem ou era uma delas a dar-nos boleia. Ao vê-las, os controladores abreviavam as suas exigências para com os outros viajantes.

É foi belo experimentar — e mais notório era entre elas — a familiaridade que se estabeleceu entre membros de congregações diferentes, antigamente mais fechadas no casulo da sua própria família religiosa, cada qual ocupada em missão específica na linha do seu carisma. Agora sente-se mais claramente que o Espírito Santo é só Um e, se calhar, Se não dispensa em

tantos carismas quantos os que aparecem debaixo do Sol, pois todos eles são *flash's* da Caridade que Deus é.

Foi em África, mas na Beira do Índico, que recebemos do seu primeiro Bispo a força que desfez hesitações e nos confirmou definitivamente na fidelidade ao não querer de Pai Américo que fôssemos um Instituto à parte na Igreja de Cristo cuja missão se sintetiza no instaurar o Reino de Deus, «Reino de Justiça, de Amor e de Paz». Por isso pertencemos ao grupo mais genérico. E só pelos limites das nossas capacidades e pela intensidade com que vivemos dentro deles, podemos ser considerados «em missão especial». Com este espírito, que é coisa muito séria, brinco com as muitas Irmãs com quem me cruzo e as *ameaço*: — Quando eu for papa, reduzo-as todas a uma só congregação!

Pois a todas estas Irmãs, as condições adversas fizeram bem e ajudaram-nas à unidade, que é testemunho fundamental. A entreada visível na acção, torna-se factor importante no equilíbrio interior que espontaneamente resulta para todas desta fraternidade alargada. E além disto dá à Igreja um rosto de alegria. Com certeza beneficiaram dela as quatro figuras que estou evocando.

Continua na página 4

MOMENTOS

Vigilância

«**G**ADANHAS» é um rapazito de 13 anos com desenvolvimento físico pouco adiantado.

Um pré-adolescente muito imberbe. Está connosco há quatro anos e o seu feitio irrequieto naturalmente desastrosos, mereceram-lhe o apelido que aos outros rapazes pareceu assentar-lhe bem: «Gadanhás».

Vivo, de rosto afilado, olhos fundos e brilhantes, nariz adunco e cabelo rijo, o Vítor é também dotado de um carácter forte, dificilmente maneável nas suas contrariedades.

Curioso como poucos, nunca mede bem os riscos para satisfazer esta tendência nata.

Os rapazes viram-no em cima do tractor estacionado a 15 metros da porta da garagem, fechada.

O veículo estava sem chave, mas ele já tinha aprendido a forma de o accionar sem a dita.

Montou-se, pôs o tractor a trabalhar e, como ele estava engatado, «espetou-se» contra a porta férrea da garagem que cedeu, amortecendo o choque.

«Gadanhás» espavorido fugiu e

Continua na página 3

CALVÁRIO

Tia Alice

VIVIA num barraco, a dois passos do Porto. Passava os dias pelas ruas, juntando tralhas que acumulava no seu pobre abrigo. E assim pernoitava no meio do lixo.

Veio, para o Calvário, a pedido da Junta de Freguesia, incomodada com aquela triste situação.

Nos primeiros tempos, escondia-se na mata, gritando loucamente para as árvores. Aos poucos, foi-se acalmando. A vegetação que nos cerca e a fauna que nos visita, foram o tónico suficiente.

— Sabe, isto aqui está sujo. Ando a varrer para ficar tudo limpo. — Dizia-me, há tempos.

E com a vassoura na mão prossegue, ao longo dos dias, a tarefa, nunca acabada, da limpeza.

Fez uma mudança radical no seu comportamento. Hoje é uma pessoa calma. Ocupa-se e está sempre disponível para os recados. O processo de cura iniciou-se com o ambiente, com o estímulo e com a ocupação.

O remédio mais eficaz para os transtornos psíquicos passa pelo ambiente físico e humano em que somos colocados; mas, sobretudo, pelo preenchimento útil do tempo.

A juventude de hoje apresenta frequentes problemas de comportamento e até desequilíbrios que levam à depressão — a doença do século passado e deste, provavelmente. Ora, esta resulta de vários factores. A crise de diálogo, a procura incessante do prazer imediato, a imposição paranóica da moda no vestir, no agir e no viver, a experiência do abandono ou rejeição, são condimentos propícios à depressão tão generalizada.

Na idade adulta os transtornos psíquicos também se mostram acentuados, pela força de desilusões, de erros cometidos ou de escolhas mal feitas na vida.

Na derradeira idade, com a falta do trabalho que se levou, com a segregação a que se está sujeito, com a ausência da presença dos mais novos, a ansiedade advém com o fruto mau de tantos transtornos e perturbações que levam tantas vezes à depressão.

Tenho recebido alguns doentes ainda novos sem gosto pela vida e com enormes problemas do foro psíquico. Não costumamos ter pressa na sua cura. Aguardamos sempre que as coisas surjam, a seu tempo. Temos por cá o remédio

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

CARISMA DO FUNDADOR — «O carisma arranca, portanto, do Fundador. É ele, e para nós é Ozanam, a fonte principal onde vamos buscar os traços que definem o nosso carisma.

Num esforço de melhor vivermos aquilo que nos define, expomos aqui o essencial do nosso carisma vivido pelo Fundador.»

Éis parte da nota de um sacerdote integrado na Sociedade de S. Vicente de Paulo, publicada na «Escalada», órgão do Conselho Central do Porto.

«Características que definem o carisma da S.S.V.P.:

1. Laical — Formada por leigos, comprometidos na vida social: Ozanam, quando funda a S.S.V.P. é um jovem, leigo, estudante universitário. Escrevendo a Ernesto Falconnet, diz: «*Por mim, poucas coisas fiz este ano, salvo com o meu Direito, em que trabalhei mais do que habitualmente. Neste momento, estou a braços com as matérias do 4.º exame que são muito extensas*». Escrevendo a Francisco Lallier, o mesmo amigo e falando do dia a dia com os colegas da S.S.V.P., diz: «*Penso sobretudo numa reunião que tivemos há seis dias, pela meia-noite, ao pé do altar; estávamos lá cerca de cinquenta (jovens colegas), selando os nossos laços de caridade, pelo sacramento do Amor Divino*».

2. Abertura à universalidade dos seus membros: «*A S.S.V.P. está aberta àqueles que querem viver a sua fé no amor e no serviço aos seus irmãos, incluindo cristãos de outras confissões*». (Regra da S.S.V.P.).

3. Inserida na vida da Igreja: «*Este serviço de caridade insere-se na vida da Igreja e solicita a participação de um membro do clero*». (Regra da S.S.V.P.). Escrevendo a Leonce Curmier, fundador e presidente da primeira Conferência depois da de Paris, diz Ozanam: «*Levantareis a vossa obra (a Conferência) sob a direcção do venerável sacerdote que vos preside*».

4. Inspirando-se em S. Vicente de Paulo: «*Posta sob o patrocínio de S. Vicente de Paulo, a S.S.V.P. inspira-se no seu espírito e obra*». (Regra da S.S.V.P.). Segundo o espírito de S. Vicente:

— O Vicentino segue Jesus Cristo, Evangelizador dos Pobres. «*Evangelizar os Pobres,*

como Jesus o fez pertence às entranhas da nossa vocação», dizia S. Vicente de Paulo aos padres da sua Congregação.

— O Pobre é presença de Jesus. Às Filhas da Caridade dizia S. Vicente de Paulo: «*Servindo o Pobre, serve-se a Jesus Cristo. Vós servis a Jesus Cristo na pessoa dos Pobres. E, isso, é tão verdade como estormos aqui*» (Conferências de S. Vicente de Paulo às Irmãs, IX, 252).

— Os Pobres são espaço de encontro com Jesus vivo e ressuscitado: «*Dez vezes ao dia ides aos Pobres? Dez vezes ao dia vos encontras lá com Deus*», dizia S. Vicente de Paulo às Irmãs.

— Na dinâmica do Lavapés, (Jo 13, 1-15): «*Os Pobres são nossos amos e senhores*». «*Amemos, irmãos, amemos os Pobres, mas que seja com a força dos nossos braços e com o suor do nosso rosto*». (S. Vicente de Paulo).

Continuará na próxima edição

FÉRIAS — Fomos descansar para Azurara, após um ano de trabalho. Por isso não publicámos a última nota quinzenal.

Durante a quinzena os Pobres receberam o que é preciso. Isto é, os vicentinos entregaram a cada família as generosas ofertas dos nossos Leitores, sempre presentes com muito amor.

PARTILHA — Leiria: cem euros, da assinante 49610, «*Com uma pequena partilha para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Aplicai-os como entenderdes, desde que seja bálsamo para alguém que sofra e precise mais do que eu. O Senhor Jesus vos vá ajudando e a tantos que precisam*».

Dois remessas de roupa, da assinante 12675, de Aldeia Nova, Almeida.

Mais duas, por intermédio do Conselho Particular de Penafiel. E outra de Lili, de Santo Tirso.

Juntamente com um postal com a ponte sobre o rio Mondego, de Caldas de Felgueira, cinquenta euros, da assinante 32925, «*onde, dentro de dias, me encontrarei*».

A costumada oferta de Lourdes, do Cacém, com mais «*uns grãozinhos para os mais Pobres. Vou sempre pedindo que tenham muita saúde para levarem para a frente a vossa obra cristã*». Desta vez são trinta euros.

De Coimbra, terra natal da Obra da Rua, 150 euros, da assinante 20174 «*para distribuírem nas vossas despesas*».

Assinante 25881, de Setúbal, «*vicentina de coração*» presente com trinta euros e uma grande amizade por todos nós.

Um cheque de cem euros, da assinante 14708, de Mínde. «*É pouco mas dado com o coração*».

Temos agora, a presença habitual do assinante 53241, do Porto, «*contribuição do mês de Julho para onde for mais necessário*».

Duzentos e cinquenta euros, da assinante 11856, do Porto, «*dinheiro que vou receber do funeral de minha mãe. O di-*

nheiro é por alma dela e de todos os meus entes queridos».

Trezentos euros, da assinante 5963, presente há muitos anos, «*com a amizade de sempre*».

Assinante 8047, de Lisboa, com «*vinte euros para aliviar um pouco as contas da farmácia*».

«*Para mim (refere a assinante 22890, de Rio de Mouro) «o mês de Agosto tem duas datas bem marcantes — falecimento do meu bom marido, companheiro de 50 anos, e o meu aniversário, pelo qual tenho de dar muitas graças a Deus por tudo o que me tem protegido na vida... e não foi pouco!*»

De Oeiras, um cheque, da assinante 14700, «*simples donativo para auxiliar a vossa inestimável Obra e muito obrigada pelo envio tão pontual do vosso Jornal*».

Da Capital, 40 euros, da assinante 57632, «*uma ajudinha para a conta da farmácia de toda aquela gente que recorre à vossa porta para comprarem medicamentos de que necessitam. Os euros nunca são suficientes!*»

Do Porto, a assinante 7769, «*depois de ter lido no último GAIATO que a Conferência de Paço de Sousa necessitava de ajuda para pagar as contas da farmácia, que cada vez são maiores, e para que os Pobres não deixem de tomar os medicamentos que precisam, envio cheque de 100 euros*».

Assinante 17302, de Monte Martinhas (Esposende), que envia «*mais uma migalha de 200 euros daquilo que Deus nos dá e o que possa dar assim suavizar o vosso trabalho*».

E mais 50 euros, «*como uma pequena ajuda para os Pobres por alma de falecidos, da assinante 7756, de Montalegre*».

Cinco euros «*para ajuda do pagamento de receitas médicas*», da assinante 5146, de Nelas.

Cem euros, da assinante 60658, do Porto.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

BIBLIOTECA — A senhora Professora Glória, que dá estudo aos rapazes do 7.º ano, fez uma arrumação e limpou a nossa biblioteca, de modo a lá podermos ir quando as aulas começarem.

CURSOS — Os cursos de Música e de Informática só acabam em Setembro, o que dificulta a ida à praia de Azurara. Mas os nossos rapazes não se arrependem e têm já a sua conta no Banco.

PADRE TELMO — Partiu para Malanje e, para trás, ficaram alguns avisos sobre a nossa vida e a vida em África. Os rapazes ganharam consciência para aprenderem a não estragar e também nos deu alguns elogios sobre a limpeza da nossa Casa.



A bandinha da Casa do Gaiato de Paço de Sousa em acção.

CASAS — A casa 2 de baixo esteve em obras. Agora é a vez das outras. Os rapazes estão ansiosos para ver a sua casa renovada e mais confortável.

AULAS — Para os rapazes da E.B. 2/3 de Paço de Sousa começam no dia 15 de Setembro. Os que reprovaram, de certeza, têm que entrar com o pé direito, ou eu não fosse um deles.

Rolando

MIRANDA DO CORVO

AGRICULTURA — Na semana passada começámos a despontar o milho. Mas, devido ao mau tempo que se fez sentir, não foi possível terminar esta tarefa. Portanto, espalhámos a ponta para que seque, quando o Sol aquecer de novo.

A cebola, apanhada há cerca

de 15 dias, foi escolhida para se fazer a trança; mas, devido à não existência de grande quantidade de cebola com rama, não foi possível entrelaçar como se fazia em anos anteriores.

Talvez ainda esta semana semeemos o nabo para aproveitar a terra atrás dos barracões que já antes teve batata.

PRAIA — No passado dia 15 de Agosto, todos os rapazes regressaram a Miranda do Corvo, pois o tempo de praia já terminou para nós.

A nossa casa de férias foi emprestada às pessoas que habitam na Casa do Menino Jesus, da Covilhã, para poderem passar umas férias na praia.

OBRAS — Em nossa Casa continuam. Desta vez, são de melhoria nas habitações dos nossos animais.

Restauraram-se as capoeiras das galinhas e a fachada principal do largo do gado, vista do lado do pomar.

POMAR — Um grupo de rapazes teve como obrigação apanhar a fruta do nosso pomar. Ao mesmo tempo que iam apanhando, escolhiam: a fruta boa, para a cozinha para a sobremesa; a outra, directamente para os animais.

A fruta a que me refiro são, sobretudo, maçãs e pêras. Mas também temos kiwis e laranjas, mas ainda não estão boas para serem apanhadas.

ANIMAIS — Temos mais um tipo de animais: dois porquinhos da Índia que nos foram oferecidos. Estes animais encontram-se na gaiola dos pássaros, mas numa divisão à parte, para se poderem ver.

Há também uma porca que está para parir, há cerca de um mês.

PEDITÓRIOS — Os peditórios de Verão continuam.



Casamento da Telma e Miguel, filha do Tavares, da Casa do Gaiato de Malanje.

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Agosto, 59.300 exemplares.

Malanje

OLÁ, Portugal! Sei que ardeste. Uma boa parte dos teus solenes sobreiros ficaram estoricados.

Dói muito a quem gosta tanto das tuas montanhas e florestas. Santo Deus!

Se o que gastamos no combate às chamas (quase sempre ilusório), fosse empregue na limpeza das matas, não teríamos fogos.

Roçar mato e limpeza? — «Isso, não!»

Carros vistosos, sirenes, corridas, louvores e espectáculos aéreos? — «Isso, sim!»

Teremos sempre incêndios nos verões quentes, se não limpamos as matas. O resto, embora sério, é brincadeira.

Padre Telmo

Momentos

Continuação da página 1

Logo apareceu o «Meno» a tornar as culpas ao «Lampião». Mas aquilo via-se logo que era uma *gadanhice*. «Lampião» guia à vontade a máquina e nunca permitiria um acidente daqueles. «Gadanhás» foi peremptório: — *Eu não fui!*

— Então quem foi?

— Não sei!

Só que ele tinha batido com o nariz em algum lado apresentando uma moessa vermelha recente e, o «Guga» vira-o sentado no banco do tractor a mexer no volante.

Por ser rijo, gosto particularmente do miúdo. «Gadanhás» tem necessidade de fazer estas *gadanhadas* para crescer. É um tratamento psicológico natural de que ele nunca beneficiaria se fôssemos uma obra vigiada.

Sábado, à tarde, após o almoço, fui para a sacristia com o António Pedro e o «Botija» preparar as leituras da Missa de Domingo.

É uma tarefa que me impus, todas as semanas, por muitas razões com base no amor aos rapazes.

Explicar o sentido da leitura, conhecer bem o conteúdo das expressões e o peso das palavras, ensinar a dizer sem eliminar as sílabas, pronunciar os vocábulos abrindo as vogais, juntar a dicção e fazer pausas, dar o tom e a suspensão não é tão fácil nem intuitivo como pode parecer. É preciso técnica, exercício e, sobretudo, muita força de vontade.

O exemplo de Demóstenes vem muitas vezes à baila.

Em certos sábados, para duas leituras, passamos mais de duas horas!

É também um momento de estar com os rapazes de que procuro servir-me para estreitar relações.

Ser capaz de ler em público é ainda uma grande vitória psicológica!

Estava eu, nestas andanças, quando senti bater à porta e fui abrir.

Sem pedir licença, o «Almeidinha» meteu a cabeça e espreitou: — *Vinha ver se estava cá o «Botija»! É que sou chefe e quero ver se os chefes estão no seu posto.* «Botija» é chefe da casa 2 de baixo e o «Almeidinha» o chefe maior naquele fim-de-semana.

Ora aqui temos um vigilante a zelar pela sua missão: um chefe a vigiar os chefes!

Não precisamos de técnicos desta categoria, que os não há em parte nenhuma como os irmãos a outros irmãos.

Padre Acílio

Património dos Pobres

ESTE Património é comumão de bens materiais e espirituais entre homens com espírito de pobreza e pobres sem condições nenhuma de habitabilidade.

Um filão de riqueza inesgotável que bebe no Espírito de Jesus e revela o Reino de Deus num carisma que lhe foi muito querido: — os Pobres são evangelizados.

«Padre Acílio, a minha mãe ficou viúva aos 37 anos com cinco filhinhos para criar, assim como segue: Amélia, com três dias; Isabel, com dois anos; Cândida, com quatro; José, com seis anos e António, com dez.

Foi uma heroína. Viveu cinquenta anos viúva com lucidez e respeito.

Quero ajudar essa família em sua homenagem e que antes de Dezembro a obra seja acabada.

Diz no Património dos

Pobres — espero por ti — pois aqui estou, vai um cheque de três mil euros».

Assinante 56015: «A ler que o Património estava praticamente falido, envio 200 euros retirados ao meu subsídio de férias».

«Para contribuir na tarefa benemérita cuja incumbência é do Padre Acílio de quem apreciei cristãmente a grandeza esclarecedora do que me deu a conhecer no seu Património dos Pobres, remeto o cheque de 60 euros. Pretendo com a humildade do meu gesto sentir o prazer cristão de contribuir na compra de alguns tijolos e telhas que irão abrigar humanamente pessoas idosas e pobres».

Maria Luísa: «Neste Mundo de destruição, é consolador saber que também se constrói — 50 euros».

Maria de Lourdes: «Ao terminar a leitura do vosso artigo, no último jornal,

deixei correr lágrimas escaldantes, não sei bem se de dor ou de alegria. Das duas coisas, talvez. Se a dor que eu senti, no meu coração, bastasse não haveria casa sem telhado na terra. A alegria de dizer presente, aqui estou com o meu pequeno contributo para ajudar a comprar algumas telhas — 300 euros».

Um Engenheiro Civil: «Junto um cheque para ajudar a comprar uns tijolos para a construção de uma casa nova — 750 euros».

O assinante 29308, manda mil euros. É uma presença assídua cuja letra bem conheço.

Assinante 26049: «Acabo de ler O GAIATO de 7 de Agosto e, como sempre, leio-o de fio a pavio e, portanto, li o seu artigo sobre o Património dos Pobres. Acabo também de pagar as despesas com as pedras das janelas das casas de meus filhos que tenho andado a

ajudar a construir. Como tenho o compromisso antigo de sempre que houver despesas com as casas de meus filhos acrescentar nelas uma percentagem para a Casa do Gaiato dar ao Património, veio a propósito hoje enviar-lhe a minha participação para utilizar como entender, provavelmente num telhado.

Fico-lhe muito agradecida por aceitar esta 'taxa de construção' e peço-lhe que rezem pelos meus filhos que são dez».

Assim, poderei comprar uma casa velha por quinze mil euros e reconstruí-la e preparar-me para a reconstrução de outra totalmente nova.

Padre Acílio

Calvário

Continuação da página 1

natural. E este, encontrei-o há muito tempo.

Fui buscar árvores e plantas variadas que espalhei pela quinta. Esperei que elas crescessem. Foi preciso regá-las, esperar pelas folhas, pelas flores, pelos ninhos, pela aves e, sobretudo, pela abundância de oxigénio que das árvores emana. E tudo isto, hoje, é fonte natural de cura para os males do espírito daqueles que aqui vêm parar.

A tia Alice anda na permanente tarefa da limpeza, feliz e serena, observando a última novidade — os esquilos — que aqui passeiam de ramo em ramo na crista dos pinheiros e carvalhas, roendo os seus frutos.

Padre Baptista

Depois de Mira, Tocha e Luso, fizemos o tradicional pedidório da Figueira da Foz.

No próximo fim-de-semana será em S. Martinho do Porto.

Já tivemos melhores dias, mas a crise também chega a nós.

Adriano

SETÚBAL

LIMPEZAS — Como é costume, antes dos rapazes regressarem da praia, as senhoras e os rapazes que ficaram

em Casa, fazem uma limpeza geral a todas as casas. Durante essas limpezas fazem-se alguns arranjos e pinturas. Quando os rapazes regressam da praia percebem que as não devem sujar.

RAPAZ — O Tiago regressou a nossa Casa. Como todos sabemos, ele tinha fugido depois de ter feito muitas asneiras. É um rapaz simpático, mas faz as coisas sem pensar. Esperamos que o Tiago não volte a fazer asneiras e não leve os outros para maus caminhos.

PISCINA — Os rapazes gostam de ir à piscina. Eles

Horácio

DOCTRINA



Procure-se em tudo a Justiça, que o mais vem por acréscimo!

ESTE ano corrente, foi de muito melhor estrela. Um dia após a minha chegada, aparece o seguinte cartaz em todos os hotéis e pensões da estância termal: «Dieta D — "Nem só de pão vive o homem" — O Padre Américo convida todos os Ex.mos Aquistas a completarem o seu tratamento no Gerês com a dieta D para a qual o Ex.mo Médico Assistente deu a sua plena aprovação. A "refeição" será servida no Casino Moderno, às 21 horas. O prato de resistência será "O Gaiato da Rua"».

À noite, caíram no Casino o Carmo e a Trindade. Um cavalheiro fez um leilão de meia dúzia de lenços de linho, que foram disputados entre dois hóspedes até à quantia de oito contos do Banco de Portugal! Isto aconteceu no dia seguinte ao da minha chegada e em todos os mais, não cessaram os donativos espontâneos dos hóspedes, que escondiam os seus nomes, nem eu lhós perguntava.

ATÉ aqui os factos; agora a lição. É necessário que os leitores deste pequenino Jornal tirem dele luz e certeza, cansados, como andam, de dúvidas e escuridão! O segredo do êxito destas obras humanas, que desconserta os cálculos dos mais pintados, está todo e somente na sinceridade e na justiça com que se realizam. Nós damos à criança que nos vem ter à porta, o primeiro lugar; melhor, damos-lhe todos os lugares, porque a Obra é deles. Os poucos orientadores que trabalham na organização — e temos de os ter estranhos enquanto os não formamos de Casa — estes poucos, digo, compreendem e praticam consoante. Dentro dos recusos da nossa Pobreza, servimos aos Gaiatos os alimentos mais sãos e mais delicados; e o que lhes falta em requinte de luxo, vai em solicitude de amor. Distinguimos o Domingo com prato mais saboroso. Festejamos os anos de cada um. Premiamos as acções de mais destaque. Tiramos da nossa despensa e do calor da nossa lareira, as horas mais felizes e mais inolvidáveis destes filhos de ninguém. O sábado, após a merenda, é consagrado ao banho de limpeza habitual. Para junto dos tanques dos antigos frades e enquanto não temos a piscina da nossa Aldeia, seguem os roupeiros com cestos de roupa brunida, das mais infinitas formas e variadas cores. Os pequeninos ajudantes saltam dentro e lavam por suas próprias mãos os deles que temem a água. São horas clamorosas — «Ai senhor Padre Américo, que eu vou morrer!» E desta sorte, ao abrir, à noite, as camas lavadas, podemos dizer a cada um, com muita sinceridade: — «Olha, vês; se te obrigamos a tomar banho, é que temos uma caminha assim lavada para ti». Mais tarde, numa lição em Comunidade, explicamos de como eles jamais poderiam cuidar do asseio do seu tugúrio; pedimos um bocadinho de desculpa da pequenina exigência; eles compreendem e ficam a ser amigos. O amor é convincente. Não temos pedagogos; damos-lhes por mestre a vida. A vida de casa, nas suas mais belas e mais pequeninas tonalidades: varrer, espanar, pôr flores, aviar recados, trabalhos no campo, fazer o caldo, cozer o pão, rezar o Terço à moda dantes, dar graças — a Vida de Nazaré! Este modo de viver ocupa, interessa, prende-os necessariamente à vida. Damos-lhes justiça, sinceridade, amor. Os orientadores compreendem que estão ali por causa deles; que as vistas e simpatias do mundo estão postas nos Gaiatos, por causa dos Gaiatos; que todos os donativos acodem por seu amor. Os orientadores dão-lhes tudo e dão-se. Ora é precisamente deste dão-se, compreendido e realizado dia a dia, que nasce em todos os corações a fome de dar mais. Aqui os cheques, os vales, as jóias, os dinheiros. Aqui, as despensas cheias, os armários abarrotados, as lágrimas compadecidas. Aqui, a generosidade dos hóspedes do Gerês e de outros, de outras estâncias. Não houve «comissão organizadora». Não houve apresentações, nem galas. Houve uma voz a relatar, corações a ouvir e uma bandeja de prata com oito contos lá dentro! Procure-se em tudo a Justiça, que o mais vem por acréscimo.

O. Américo!

(Do livro *Doutrina*, 1.º vol.)

SETÚBAL

Somos Casa de família

HÁ dois anos recebemos o Tiago. Veio com 15 anos de idade para nossa Casa, conhecedor de todos os vícios da rua. Ninguém o queria, tais eram as referências que possuía, para nós valiosas.

Vimos a situação dele; vimos a nossa, a razão de ser da nossa Obra.

Veio, como diamante em bruto, carente de ser polido.

Nestes dois anos tornou-se campeão das aventuras e aflições da nossa vida. Tem feito de tudo, daquilo que bem sabia fazer e aprendeu nas esquinas de certa cidade alentejana.

Nunca desistimos dele, embora tivéssemos visto o caso mal parado. Em certas alturas chegámos a levá-lo à presença da senhora Juíza que promulgara a sua entrega aos cuidados da Casa do Gaiato. Com grande pena minha e, após me ter recebido, não quis aceitar o pedido para que dirigisse umas palavras de bom conselho ao nosso desnaturado.

Tinham-se passado dois anos, e o Tiago mantinha-se um indesejado na sua própria terra.

A nossa pressão a contrariar os seus males, manteve-se. Então o Tiago resolveu, por ele mesmo, procurar um lugar na sua cidade, o que nunca antes fizera.

Fez três investidas, mas em todas elas veio recambiado para a sua Casa, que é a nossa. Por demasiado conhecido, embora conhecedor de todos os cantos da cidade, sempre foi descoberto e conduzido até nós pelas autoridades.

À terceira, acho que percebeu a sua real situação. Ficou entre nós. Vamos ver.

As suas capacidades para o bem são grandes. Postas umas e outras nos pratos da balança, certamente levariam o fiel ao zero. O nosso esforço tem sido todo para não os deixar pender para o lado do mal. Algum dia o prato do bem prevalecerá.

Confesso que neste período em que o Tiago esteve ausente, senti a falta de sal na vida da nossa Comunidade, embora ele nunca falte totalmente. Mas, cuidado, nós não somos uma casa de correcção!; somos Casa de família. É que, parece, ultimamente só nos chegam casos de rapazes que ninguém quer!

Padre Júlio

PÃO DE VIDA

Muros

OS meios de comunicação social veiculam, diariamente, imagens de violência. Em muitas regiões da Terra, registam-se situações de conflitos armados e terrorismo.

Edificar uma cultura de paz, verdadeira, é obra da justiça, como realça o profeta Isaías: «opus iustitiae pax».

Jesus foi incómodo diante

da injustiça e da mentira. Destruí o muro de separação que divide o ser humano — a inimizade. A raiz das discórdias está na cobiça desenfreada.

Numa tarde soalheira de Verão, depois de chuva copiosa, por imperativo deste anúncio, descemos a um vale onde se respira paz — pax!

Cruzámo-nos com os nos-

sos emigrantes e cumpridores de promessas. Pelo caminho sinuoso, em zona de mobiliário, desviámo-nos o nosso rosto para as construções: vivendas vedadas, escadarias altas, antenas parabólicas, apartamentos vazios. A cor das paredes das habitações tem amarelado, na progressão dos desesperos que afectam as famílias instáveis. Os muros de delimitação são opacos e elevados. O medo parece ter-se instalado, mesmo em meios rurais. Porque não proliferam, entre os prédios, canteiros com flores que façam sorrir as crianças?

Houve sempre a tentação

Ecos de Malanje

Continuação da página 1

A de Malanje não é religiosa no sentido canónico da palavra. Hoje é conhecida pela «Menina». É curioso que não me lembro de assim ser chamada quando de facto o era, no princípio dos anos sessenta. Veio para servir os Pobres e não ia deixá-los nos momentos mais dolorosos de pobreza... Não deixou. Ainda hoje estremeço quando me lembro dela, no mais aceso da guerra civil, a viver sem qualquer segurança na Vila Matilde, um arrabalde de Malanje. Sem qualquer segurança e com muita incomodidade. Esta manhã estive aí a combinar um serviço do nosso tractor num terreno de oito hectares, para um grupo de mulheres a quem ensina a trabalhar e a subsistir. A «Menina», envelhecida por fora, mas, de alma, cada vez mais menina!

A Irmã Dominique conhecemo-la em Luanda desde que viemos. Enfermeira distinta, era-o ainda mais pelo acolhimento a quantos pobres doentes lhe apareciam a pedir orientação e remédio. Pela competência e pela Caridade tornou-se uma autoridade incontestável naquele Hospital, admirada e respeitada de tal modo que de nenhum quadrante houve a ousadia de a contestar. Quantos dos nossos rapazes, de Malanje e Benguela, tiveram oportunidade

de cura a partir do pequenino hospício no recinto da sua casa! O nosso Sampaio, se calhar, deve-lhe a vida...! A vida para ela no ocaso, no seu país natal.

Na Catumbela, aquela Irmã de S. José de Cluny, irmã de sangue da nossa Margarida, do Calvário, foi fonte que saciou muitas sedes, na proporção inversa do seu apagamento. Aos primeiros olhares ninguém daria nada por ela... Mas deu ela a sua vida ao longo de dezenas de anos sem nunca ter voltado à sua terra, sem tempo de pensar em si nem nos seus afectos. A esta, ainda não há muito o Senhor a recebeu.

Mas no regresso espero ir ver, também velhinha e em purificação para a Vida numa comunidade da sua Congregação no Norte de Portugal, outra Irmã, francesa de nacionalidade, que conheci em plena força da vida, no Abrigo dos Pequenos, em Benguela, e também na nossa Casa onde dirigia os cuidados de saúde dos nossos rapazes e do Povo que vive em volta de nós. Ainda hoje este serviço é desempenhado por discípulas suas. O seu dinamismo e a sua alegria eram contagiante.

«Uma mulher forte, quem a encontra?» — pergunta o autor de um livro sapiencial da Bíblia.

Aqui não é muito difícil encontrá-la.

Padre Carlos

DIZEM as estatísticas que somos o país da União Europeia que mais «sofre» desta epidemia. É, de facto, uma doença, a sua posse. No princípio, cá por Casa, tentei travar, estabelecendo até algumas regras para a sua posse e aquisição. Em vão. Quase desisti do «jogo». Agora, autênticos grilos nas mãos dos rapazes. A evolução técnica faz acontecer estes «milagres» da comunicação. A gestão destas coisas é que se torna mais complicada para quem tem de educar. Onde o dinheiro para os carregamentos, inevitáveis? E quem carrega, é quem? E porquê? Dizem que são nove milhões de portugueses, utilizadores... se calhar até são mais! Números a tocar as raíais, diga-se, de uma certa mentalidade «salóia». As mensagens são, muitas vezes, um bom incentivo à iliteracia, que não nos parece

ou a necessidade de levantar muros. À escala mundial, o muro de Berlim acabou por cair em 1989. Outro se levanta, no Médio Oriente, com 350 quilómetros de betão. Entretanto, permanece o muro das Lamentações, em Jerusalém, para acolher as preces de judeus piedosos.

A nossa cultura, dita pós-moderna, é ferozmente individualista; o que choca frontalmente com a perspectiva bíblica comunitária — Povo de Deus. Até Deus não consegue *intrometer-Se* na vida das famílias e não O deixam entrar nas escolas...

Muitos jovens vão-se perdendo na visão de jogos de guerra e em comunicações inúteis e perigosas. Isolados de encontros humanos saudáveis, ficam à mercê de abutres, nos armazéns e becos das trevas do erro.

As feridas deste tempo revelam amarguras interiores e rivalidades. Como pode haver paz, se não há harmonia nos nossos corações e vivemos de costas para o *Príncipe da paz*? A compaixão ultrapassa a lógica de domínio, sem que fique amargo o coração.

A cerca que envolve a quinta da nossa Casa passa quase despercebida, pois vem do século XVIII. Alguns visitantes que se aproximaram, sugeriram o isolamento do exterior... Porque não disciplinar e dar responsabilidade?

Aqui, não se pode fugir aos problemas. O António Filipe e o Octávio não respeitaram a regra das duas rodas, que tem animado muito os rapazes, e foram para a via pública. «Deus corrige aqueles que ama». Por isso, ficam, temporariamente, privados deste desporto, em maré alta.

A nossa porta não é estreita e espanta quem a atravessa com passos seguros. Desejar e perseguir a

TRIBUNA DE COIMBRA

Os telemóveis

preocupar tanto quanto a vontade de ouvir o «grilinho» em qualquer lado, até nos mais inconvenientes...

Há pouco, tocou o meu também... A aquisição de um, até com assinatura e tudo, aliviou-me a pressão da vida. Cá está o lado bom das coisas! Notícia triste: «Morreu a irmã do J. L.». Fiquei atónito. «(...) E o senhor é a pessoa mais indicada para dar a notícia...», concluiu. Instintivamente relacionei o facto com a notícia da *Renascença*, acerca do acidente de Poiares... O rapaz ficou destruído: «Não pode ser... a minha irmã?!» Não queria acreditar. Foi um momento muito difícil para ambos...

Recordo o dia em que

ambos vieram comigo. Ela para a Casa de Infância Elísio de Moura, com 8 anos, de onde tinha saído há pouco, com 18. Ele, com 6 anos, para a Casa do Gaiato, onde continua. Viveram sempre próximos e muito unidos.

As nossas estradas são um autêntico cemitério. Alguém o disse, com muito acerto, os mortos são tantos ou mais que numa guerra civil... Em muitos casos os telemóveis também «bombardeiam».

Na Missa de corpo presente pedi ao Senhor por ambos, vivos e mortos. Que a esperança na Vida Eterna seja o ponto de apoio para comunicarem entre si.

Padre João

paz é uma paixão da vida desta Comunidade, que vê o futuro com esperança, se actuarmos na justiça, à

espera dos novos tempos, em que «a justiça e a paz se beijam!»

Padre Manuel Mendes

PENSAMENTO

A criança das ruas vence, impera, transforma. Não há ninguém que lhe resista!

PAI AMÉRICO

Benguela

Continuação da página 1

maior título de glória em ser filho de Deus. Assim, a fé nos ajuda e nos faz penetrar no verdadeiro e mais profundo sentido do valor da pessoa humana. É uma concepção muito mais rica do homem. Meu Deus! A fé urge-nos a amar o assassino, o ladrão, o viciado, o rico mesmo opressor, porque nos põe diante de uma pessoa que Deus amou e por quem deu a vida, chamando-a a ser filha de Deus.

Colocados frente a este foco de luz, seremos construtores de um mundo novo. Está aqui a força que te arrasta e não te deixa ficar indiferente. Sempre que mergulho no mundo dos bairros que cercam a nossa Casa do Gaiato e me vejo rodeado por centenas de crianças, há uma pergunta que espontaneamente sai do meu íntimo: quem vai ajudar estes filhos a ser grandes, como é grande a sua Mãe-Terra? Fico mais comprometido. É um passo importante na vida comprometermo-nos. Não podemos ficar passivos.

A semana que passou, foi diferente e muito rica. Juntámo-nos na nossa Casa do Gaiato, de Malanje: Padre José Maria, da Casa do Gaiato de Moçambique; Padre Telmo, o anfitrião; Padre Manuel António, que vos escreve; e Padre Carlos. Já que tem havido muitas reuniões políticas e outras, nesta zona da África Austral, não faltou quem dissesse a «piada» que se tratou de um encontro dos anciãos gaiatos da África, ao sul do Sáara. Bastou para nos rirmos com o dito.

Padre Manuel António